

EDUCAR À LA MORTE¹

Aquiles Vidal Costa²

Meu coração, julho de 2021

O que é educar? Para quê educar? E por que isso me motiva?

Eu sei o que me motiva.

A ignorância é uma dádiva, mas tem um preço custoso que é a morte. Não abomino a morte. Até a vejo como uma velha amiga, nas palavras de Beedle, o Bardo, em o Conto dos Três Irmãos³. Mas são raros aqueles a quem a morte vem como uma velha amiga, daquela que, numa grata surpresa do acaso, vimos na curva do mercado, surpreendemo-nos e abrimos os braços em sorrisos, abraços e vozes altas. No geral, quando ela vem, as pessoas, pesadas de si mesmas, veem o seu corpo agarrar às últimas fagulhas de gás para manter-se em funcionamento. E elas se desesperam. Desesperam, sim. E choram, mordem, arranham. Apavoram-se com a morte.

O perigo da morte, vimos ali, que não está nela em si, mas no instante em que ela se aproxima. É nessa hora que a ignorância mais pesa e a insanidade animal invade aquele moribundo. Não há paz no amortecimento e no adormecimento dos sentidos. Não vai se sentido mais nada, somente a audição está ali, resistindo à escuridão dos olhos, ao fogo dos pulmões, à ausência da pele. A língua, essa é inútil. Serviu-se dela o tempo inteiro, mas agora, não faz mais nada. O corpo é nosso principal traidor. Trai-nos com a morte. Entrega-se a ela.

E como evitar essa dor da ante-morte? Só vejo um modo feliz nisso tudo: educar para morrer.

Podem, meus caríssimos leitores, a essa altura, pensarem: mas que modo de pedagogia é essa que começa com um tema tão penoso como a morte? Ou ainda, mas quem pensaria na morte durante educação?

¹ Indico a leitura dessa carta ao som de “*Pride and Prejudice - Reading Ambience*” do Canal *The Vault of Ambience*.

² Pseudônimo de Acadêmico do Curso de Letras que solicitou que sua carta fosse assim apresentada.

³ Referência ao final do “O conto dos três irmãos”, em “Os contos de Beedle, o Bardo” de J.K. Rowling. No conto, a terceira personagem que pedira a capa da invisibilidade da Morte, nunca foi encontrada por ela. Por essa razão, perto de morrer, despiu-se da capa, passou-a a seus descendentes e foi se encontrar com a Morte, que já o buscava, “Acolheu, então, a Morte como velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.” (ROWLING, 2008, p. 91)

Ora, ora, a morte é o nosso elemento mais motivador no ante-morte. Educar-nos para ela é o caminho mais feliz de se passar o tempo no planeta Terra. Nunca fugir dela é o modo mais feliz de se viver as aventuras do ante-morte.

É por isso, que a educação me motiva: educar para um ante-morte feliz, para que as pessoas não se assustem e sintam maiores pesos em suas existências. Que felicidade eu descobrir a origem de uma expressão popular que ouvia desde criança e perceber que foi desfeita no tempo? Que chegou distorcida para mim pelo telefone sem fio das gerações? Isso é felicidade.

Felicidade é descobrir minha carteira escondida dentro da minha bolsa quando eu não a achava em lugar nenhum. Felicidade é poder saber que tudo tem um fim num momento bom. É o descobrir que a história da Branca de Neve termina no feliz para sempre. Descobrir que a morte não é inimiga da ante-morte, mas complementar e impulsora daquilo que as pessoas tanto valorizam, fazendo tudo caminhar para a inexistência.

Mas só a educação é quem pode me dizer o quanto a morte deve ser valorizada tanto quanto antes dela. Descobrir que existe esse equilíbrio é como fitar uma praia e o horizonte: águas e terra se encontram sem relevos. Nada atrapalha a clareza da linha do horizonte, a amiga da perspectiva para os desenhistas.

Afinal, que há então nessa educação, que eu propalo, em tempos de tanta morte e pandemia, muitas delas pela ignorância, que a torna especial a ponto de dedicar uma morte à educação e divulgar uma educação a *la* morte?

Morte à educação que despreza a morte, pregando em molduras um mundo pincelado a tintas vivas, destaque aos olhos. Educação a *la* morte que ensina como morrer em paz.

Se educássemos como morrer em paz, entenderíamos que o conhecimento é para nós mesmos. Por mais que eu escrevesse textos e mais textos, lesse livros e mais livros, dissesse palavras e mais palavras, fosse artista e mais artista, fosse encantador e mais encantador, ninguém daria conta do meu entendimento. E quando eu morresse, não haveria lamentos. Estaria tudo bem, mais que bem.

O ante-morte poderia durar dois dias ou cento e três anos, mas seria todos vem aproveitados. A educação, aquela que levanta as sombras noturna e descobre o dia, construiria paciência, resiliência, lentidão na ação e agilidade no pensamento. Nossos corpos seriam mais tardios na violência do trabalho e no consumir. Mas produziríamos com mais qualidade. Poderia passar um ante-morte para criar uma obra sublime. E tudo bem. Ou poderia passar um ante-morte sem criar uma obra sublime. E estaria tudo bem. As obras sublimes seriam a felicidade própria, a satisfação consigo mesmo.

A arte de Da Vinci seria comemorada, mas não valeria milhões. Seria apreciada, mas não por detrás de um complexo sistema de segurança. Tem graça ser arte? Tem graça ir ver arte? Tem graça dizer “eu vi Mona Lisa”, enquanto todos sabem o perrengue que foi pra tirar uma foto de um canto da sala no meio da multidão?

A Educação a *la* morte não vê graça nisso. Insignificante toda essa histeria e aleivosia. Muito mais me vale uma moita de dorme-dorme, a *Mimosa pudica*, que nasce em qualquer meio-fio. Isso é arte para ser admirada. É tão admirável que dá em qualquer canto, democrática. A gente deixa até de lado na memória, mas um dia, no meio do redemoinho de esquecimento, quando vemos uma, sorrimos e vamos lá, tocar a Mimosa pudica, pra vermos ela se encolher toda, pudica.

Então pode surgir alguém que me diga: mas por que essa morte à uma educação e educar com a morte? Eu sorrio e respondo em doçura: e existir não é preparo para morrer?

- Porque exigir morte à outra?

- Ela existe, já deve se preparar para morrer. É natureza da morte fazer inexistir. Entenda que devemos valorizar o existir e esperar o inexistir.

Até as ideias mais violentas devem ser valorizadas e apontadas como que a falta de educação sobre a morte causa a truculência. Inclusive, punem com a morte. Pobres ditadores tolos! Matar nunca foi a melhor forma de torturar. Sabendo em partes, eles torturam é com a ignorância. Essa é nossa inimiga real; aquela que falei lá no início. A ignorância é uma dádiva, mas custa dores e agonias no ante-morte. Assim, diz Paulo Freire:

E, ao assim procedermos, nos tornamos necrófilos, em lugar de biófilos. Matamos a vida, em lugar de alimentarmos a vida. Em lugar de buscá-la, corremos dela. Matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los são próprio dos opressores. (FREIRE, 1987, p.73)

Essa não é uma pedagogia mórbida, segunda geração romântica brasileira ou adoradora de cadáveres. Muito pelo contrário: expõe a necessidade do saber sobre a morte para que não se diminua o fardo da dor. Ora, não tomamos um remédio ruim porque sabemos que é necessário? Não nos sujeitamos a agulhas e seringas justamente porque sabemos que há um antígeno ali? Assim o é. Pois então, é necessário que se diga da morte, se combata a ignorância para um ante-morte menos doloroso e surpreendente, aquele em que o padecer já pode ser previsto e esperado.

Custa no ante-morte inteiro não saber valorizar a existência. Limita-se a dedicar esforços ignorantes em situações ignorantes. Para que raios construir pirâmides que

atravessam tempos? Para quê raios construir prédios falocêntricos tão altos que ninguém mora? Para quê?

Devemos destruí-los? Oh, não. Deixe-os. Eles existem e já se preparam para a morte. Inexistirão, um dia. Mas vamos aprender com eles. E no dia que ruírem, será dia de espetáculo. Espetáculo de existência.

Devemos criticar seus construtores por quererem deixar sua marca no mundo? Também não, mas vemos aí, o medo de serem apagados pela nossa amiga, a Morte. Também não foram educados para a morte. Mas pode ser também que construir monumentos fosse suas felicidades do ante-morte. Suas obras-sublimes.

Portanto, devemos entender que escrever cartas, textos e mais textos, e fazer leituras e mais leituras, é produzir obras-sublimes, mas nunca aprenderemos o aquilo-outrem, mas de outrem; aquilo que já se arrasta para a inexistência. Quem conseguiu ler todo o material da biblioteca do Vaticano, por exemplo? Papiros e pergaminhos se arrastam inexoravelmente para o desconhecimento e implacavelmente para o conhecimento.

Dada essa configuração, nos resta enfeitar nosso ante-morte com conhecimentos que resistiram ao tempo, descobrir coisas inéditas (mas que há séculos alguém descobriu, mas não falou pra ninguém e se falou, se perdeu). Não é bom ambicionar que nossos conhecimentos permaneçam eternos e que eles não morram. Permitamos a morte dos conhecimentos. Outro logo chega, aliás, se já não está chegando.

Pode inclusive, já estar morrendo antigas impressões, leitores, daquelas que quando começou a ler minha carta. E agora, diga-me você: outras já não estão nascendo, peralta? E da explicação fajuta que fiz, não foi o suficiente para que passes a considerar a morte como uma velha amiga? Necessária durante todo o ante-morte para que se aproxime suave e sem traição do meu próprio corpo?

É bom saber que está morrendo, porque ainda assim estaremos aprendendo como se morre. Perceber a tempo que um organismo não mais se sustenta é garantir paciência no envelhecimento. Compreender de antemão a diminuição da atividade é saber que a escuridão dos olhos, fogo nos pulmões, ausência da pele e a persistência da audição é indicativo da morte, aquela por quem, durante toda sua ante-morte, aprendeu tanto. E valeu a pena.

Pode-se pensar que é assustador saber disso, mas esse susto é reflexo da ignorância e frutos da morte a educação que ainda resvala em sua mente, caríssimos. Se fôssemos educados a la morte, saberíamos que a sabedoria é benéfica, mas pesada e dolorosa. Pesa, pesa quase à morte. Ora, e quem não quer ser livre como um passarinho que se banha na água de rua e faz festa, sem ninguém brigar?

Sabendo com a sabedoria, quando se aproximasse a morte, repousaríamos a mente porque já seria hora de entregar o fardo para o nada. Morremos num momento bom, no nosso feliz para sempre. Só ficaria, para poucos, a memória de nós, e os textos lidos por nós, e as leituras feitas por nós e as cartas feitas por nós...

Buscando apoio no patrono da educação, saber com a sabedoria significa:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. (2003, p. 79)

Finalizo agora, caríssimos, reforçando que a morte de que falo não é aquela autoinfligida, nem aquela que faz parte de missões ou aquela cuja lógica atenta o curso natural da morte. Se caso, tenho me parecido nisso, peço, com humildade, que o caríssimo releia minha carta se atentando ao que eu digo sobre o ante-morte. Há muito ali que não disse aqui.

Depois dessa ressalve, abraços, caríssimos leitoras e leitores.

Adeus. Morrerei sorrindo, sabendo que eduquei até a morte.

Do seu caríssimo amigo mortal

Referências

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Os contos de Beedle, o Bardo**. 1 ed. Trad. WYLER, Lia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.